

■ **Filosofia**

Mundo globalizado

Estamos diante de um paradoxo: vivemos num mundo globalizado, em que os acontecimentos podem ser apresentados em tempo real, mas não logram se armar numa imagem de mundo que nos conduza a ele como nossa morada. No artigo “A perda do mundo”, de José Arthur Giannotti, da Universidade de São Paulo, pergunta-se se haveria algum rebatimento entre o funcionamento atual do sistema capitalista e essa experiência de falta do mundo que nos persegue no cotidiano.

NOVOS ESTUDOS – CEBRAP – Nº 81 – SÃO PAULO – JUL. 2008

■ **Psiquiatria**

Transtorno mental e DST

Evidências indicam que pacientes com transtornos mentais têm elevada prevalência de infecções sexualmente transmissíveis, mas os dados brasileiros são escassos. O objetivo do estudo “Prevalência de HIV, sífilis, hepatites B e C entre adultos com transtornos mentais: um estudo multicêntrico no Brasil” foi determinar a prevalência do HIV, hepatites C e B, e sífilis entre pacientes com transtornos mentais no Brasil. Os autores do trabalho são Mark Drew Crosland Guimarães, Lorenza Nogueira Campos, Ana Paula Souto Melo, Carla Jorge Machado e Francisco de Assis Acurcio, da Universidade Federal de Minas Gerais, e Ricardo Andrade Carmo, do Hospital Eduardo de Menezes, da Secretaria Estadual de Saúde de Minas Gerais. Uma amostra representativa de pacientes adultos com transtornos mentais foi aleatoriamente selecionada de instituições públicas de saúde mental no Brasil. Dos 2.475 pacientes entrevistados, 2.238 tiveram sangue coletado. A maioria era sexualmente ativa ao longo da vida (88,8%) ou nos últimos seis meses (61,4%), do gênero feminino (51,9%), solteira (66,6%), com metade dos participantes com menos de cinco anos de escolaridade e renda média mensal baixa individual (US\$ 210). Uso de preservativo foi baixo em toda a vida (8%) ou nos últimos seis meses (16%). As soroprevalências gerais foram 1,12%, 0,80%, 1,64%, 14,7% e 2,63% para, respectivamente, sífilis, HIV, HBsAg, anti-HBc e anti-HCV. As taxas encontradas são maiores do que em outros estudos com populações representativas no Brasil, com altos índices de comportamento sexual de risco. Segundo os autores, a

situação é preocupante e estratégias de prevenção devem ser urgentemente implementadas pelos serviços de saúde.

REVISTA BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA – VOL. 31 – Nº 1 – SÃO PAULO – MARÇO 2009

■ **Educação**

Propaganda ufanista

O artigo “Educação e ideologia tecnocrática na ditadura militar”, de Amarílio Ferreira Jr. e Marisa Bittar, da Universidade Federal de São Carlos, examinou a ideologia tecnocrática subjacente à educação brasileira durante a vigência da ditadura militar (1964-1985). Os autores seguiram a premissa segundo a qual as reformas educacionais implementadas após 1964 ficaram marcadas tanto pelo modelo de modernização autoritária do capitalismo brasileiro adotado a partir desse ano quanto pela teoria econômica do “capital humano”. A propaganda ufanista, que tinha como lema o “Brasil grande potência”, gerado pela “eficiência técnica” aplicada na forma de administrar o Estado e as suas empresas, também teve os seus corolários ideológicos no âmbito da própria política educacional levada à prática após a reforma universitária de 1968 e a reforma da educação de 1º e 2º graus de 1971. Assim, o sistema nacional de educação que emergiu com as reformas da ditadura militar foi marcado pela ideologia tecnocrática, que propugnava uma concepção pedagógica autoritária e produtivista na relação entre educação e mundo do trabalho.



REPRODUÇÃO

CADERNOS CEDES – VOL. 28 – Nº 76 – CAMPINAS – SET./DEZ. 2008

■ **Gestão**

Desafios das mudanças climáticas

O objetivo do artigo “Sob os ventos da mudança climática: desafios, oportunidades e o papel da função produção no contexto do aquecimento global”, de Charbel José Chiappetta Jabbour e Fernando César Almada Santos, ambos da Universidade de São Paulo (*campus* de Ribeirão Preto e de São Carlos, respectivamente), é lançar luzes sobre as

implicações da mudança climática para as organizações. Para fazer frente a esse debate, são explorados: o conceito de inteligência ambiental; as estratégias por meio das quais as organizações fazem frente ao desafio da mudança climática; as oportunidades que explicam a adoção dessas estratégias; e o papel fornecido pela função produção para que tais estratégias possuam o efeito desejado. Por fim, tais conceitos são sistematizados, buscando-se uma integração dos modelos teóricos existentes, até então considerados de maneira estanque.

GESTÃO E PRODUÇÃO – VOL. 16 – Nº 1 – SÃO CARLOS – JAN./MAR. 2009

■ Física

Nascimento da ciência moderna

No trabalho “A evolução do pensamento cosmológico e o nascimento da ciência moderna”, os autores Cláudio Maia Porto, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, e Maria Beatriz Dias da Silva Maia Porto, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, fazem uma exposição do processo de transformação que levou a ciência qualitativa de Aristóteles, fundamentada em princípios filosóficos, à ciência moderna, estruturada sobre uma combinação de empirismo e matematização, processo cuja culminância se deu com a obra de Newton (*ao lado*). Os pesquisadores apresentam como o Cosmos aristotélico-ptolomaico, rigidamente ordenado segundo critérios metafísicos, foi substituído por um novo Universo, regido por uma causalidade mecânica, expressa por meio de leis matemáticas, e completamente destituído de conceitos como finalidade e valor. Eles mostram como a revolução introduzida por Copérnico ultrapassou os limites da astronomia, dentro dos quais nasceu, e promoveu uma ampla transformação do pensamento científico que conduziu ao nascimento da física newtoniana.



JAMES THORNHILL/PINACOTECA PHILOSOPHICA

REVISTA BRASILEIRA DE ENSINO DE FÍSICA – VOL. 30 – Nº 4 – SÃO PAULO – OUT./DEZ. 2008

■ Ginecologia

Câncer de mama e sexualidade

As pesquisadoras Priscila Ribeiro Huguet, Sirlei Siani Moraes, Aarão Mendes Pinto-Neto e Maria Salete Costa Gurgel, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e Maria José Duarte Osis, do Centro de Pesquisas em Saúde Reprodutiva de Campinas, avaliaram a qualidade de vida e aspectos da sexualidade de mulheres com câncer de mama segundo o tipo de cirurgia e características sociodemográficas. Foi realizado um estudo de corte transversal com 110

mulheres tratadas há pelo menos um ano com câncer de mama no Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher da Unicamp. Os resultados, presentes no artigo “Qualidade de vida e sexualidade de mulheres tratadas de câncer de mama”, mostraram que idade, escolaridade, tipo de cirurgia e tempo desde a cirurgia não influenciaram a qualidade de vida nos domínios físico, meio ambiente, psicológico e relações sociais. Mulheres com relacionamento marital estável tiveram escores maiores nos domínios psíquico e relações sociais. Maior nível socioeconômico influenciou a qualidade de vida nos domínios físico e meio ambiente. Em relação à sexualidade, mulheres com relacionamento marital estável tiveram escores maiores de qualidade de vida em ambos os componentes de sexualidade. Mulheres submetidas à quadrantectomia ou à mastectomia com reconstrução imediata apresentaram melhores escores em relação à atratividade quando comparadas às mastectomizadas sem reconstrução. Ou seja, melhor nível socioeconômico e de escolaridade, relação marital estável e cirurgia com conservação mamária estão associados a melhores taxas de qualidade de vida, inclusive a sexual.

REVISTA BRASILEIRA DE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA – VOL. 31 – Nº 2 – RIO DE JANEIRO – FEV. 2009

■ Dermatologia

Impacto emocional

O vitiligo acomete, em média, 1% da população mundial. Mais de 75% dos pacientes têm autoimagem depreciativa em relação à doença. Seu impacto emocional é muitas vezes negligenciado pelo cuidador, influenciando negativamente o prognóstico. Os pesquisadores Lucas S.C. Nogueira, da Universidade Católica de Brasília, Roberto D. Azambuja Pedro e C.Q. Zancanaro, do Hospital Universitário de Brasília, verificaram o efeito do vitiligo sobre as emoções e discutiram as últimas descobertas sobre a interação mente-corpo e seu desdobramento sobre a doença. Cem pacientes com vitiligo responderam, na primeira consulta, a uma pergunta sobre as emoções que a presença das manchas lhes provocava. Entre os que tinham manchas em áreas expostas, 80% queixaram-se de emoções desagradáveis, em relação a 37% dos que tinham manchas em áreas não expostas. As emoções mais referidas foram medo (71%), vergonha (57%), insegurança (55%), tristeza (55%) e inibição (53%). Qualquer doença crônica produz uma vivência negativa propiciada pela expectativa de sofrimento. O vitiligo é um desafio à autoestima. Além de uma orientação científica adequada, o paciente carece de conforto emocional. A resposta e a adesão ao tratamento e até mesmo a resiliência diante de eventuais falhas terapêuticas dependem da boa relação médico-paciente. Os resultados estão no artigo “Vitiligo e emoções”.

ANAIAS BRASILEIROS DE DERMATOLOGIA – VOL. 84 – Nº 1 – RIO DE JANEIRO – JAN./FEV. 2009

➤ O link para a íntegra dos artigos citados nestas páginas estão disponíveis no site de Pesquisa FAPESP, www.revistapesquisa.fapesp.br